Arya (Família Queer) | Duração 43:00

R: Então, o meu nome é Arya Jeipea Karijo. O meu nome também faz parte da minha história, porque não é o nome que me foi dado, é o nome que escolhi para mim. Pois é. Portanto, ao crescer, vejamos. Isso já foi há muito tempo. Por isso, não sei. Penso que aprendi muitas coisas com... com a minha família biológica. E eu sei que, por isso, provavelmente um dos valores mais importantes que direi é que a minha mãe sempre teve esta coisa de, se fôssemos à escola e trabalhássemos muito e coisas assim, de certa modo recuperaríamos a vida que costumávamos ter quando éramos crianças. Assim, crescemos numa família muito abastada e depois o meu pai e a minha mãe separaram-se a dada altura. E depois vivemos com o meu pai durante alguns anos, depois ele voltou a casar e expulsou-nos.

E: Oh uau.

R: Sim, então a minha mãe teve de pedir a nossa transferência de Eldoret, vir para Meru, e recomeçar uma vida do zero por nós e depois tivemos uma série de anos tipo, realmente pobres, em que costumávamos lutar por tudo, comida, ser expulsos de casas, coisas do género.

E: Que idade tinham nessa altura?

R: Penso que quando a minha mãe voltou para nós, eu estava no 8º ano, eu tinha 14 anos e sim, acho que os últimos filhos tinham 10, estavam na 3ª classe naquela altura.

E: Oh, então tens irmãos?

R: Sim, somos seis. Portanto, a minha mãe e cinco de nós. Então, a minha irmã mais velha e eu, depois os meus irmãos, e depois os últimos nascidos que são gémeos. Bem, já não somos crianças, agora somos uma família velha. Os últimos nascidos fazem 34 este ano.

E: Uau. Oh meu Deus, isso é... Ok, está bem. Não vamos calcular e descobrir a tua idade.

R: Pessoa de números.

E: Sim, faremos as contas depois disto. Então, quando decidiste construir a tua própria família ou quando começaste a pensar em construir a tua própria família?

R: Aconteceu, mais ou menos. Não foi uma decisão consciente, ah, vou ter filhos, vou fazer isso. Foi uma espécie de processo, porque naqueles tempos havia pessoas de quem eu gostava e que estavam nos espaços do activismo, sabes, a trabalhar pelos direitos das mulheres e pelos direitos LGBT.

E: Então, fala-me sobre a construção da tua própria família.

R: Ok, então sim, isso foi interessante. Foi... Não foi algo em que eu tenha pensado com antecedência. Sabes como as pessoas dizem, ah, vou ter filhos, vou, não sei, casar, vou fazer uma família, não foi dessa maneira. Portanto, a nossa era diferente, era mais por todos gostarmos uns dos outros, coisas pelas quais estávamos a passar separadamente e depois finalmente decidimos, agora faz sentido passarmos pela vida juntos. Portanto, fui eu a escolhê-los e eles a escolherem-me a mim. Por isso, funcionou nos dois sentidos, sim. Por isso...

R: Penso que para mim, com base na forma como a minha família surgiu, penso que uma grande parte está relacionada com a escolha, por isso escolher é amar. É isso que constitui a família. Quer seja para mim ou para as "famílias normais", o elemento da escolha é sempre ignorado. Quando um casal se junta e decide construir uma família, escolhe, quando decide manter um bebé, escolhe, quando decide ir e adoptar, escolhe. Assim, quando eu, as minhas filhas e o meu filho decidimos viver juntos como uma família, nós escolhemos. Portanto, há essa parte enorme da escolha. Então, mais uma vez, para as famílias normais, há a parte do sangue, em biologia dá-se à luz uma criança e isso tudo. Então, talvez isso obscureça muito a parte da escolha, mas para nós a escolha é a única coisa que faz... que faz com que para nós tenha sentido.

E: Quando falaste de haver uma espécie de separação entre o normal e aquilo que tu tens, que é diferente disso, existe realmente uma separação entre as duas ou família é família?

R: Penso que família é família, mas percepções da sociedade. Quer dizer, há sempre esta ideia de que... que a família tem de ser que... bem, na nossa sociedade, normalmente a família é suposto ser aquele homem e aquela mulher que se escolhem um ao outro, vão à igreja, casam, chamam todo o clã e depois a sociedade espera que dêem os bebés à luz...

I: Manter e fazer crescer a sociedade.

R: Sim, então é assim que a sociedade define tipicamente a família. E mesmo, não sei, na Constituição queniana naquele Artigo 45 sobre a família, eles não pensaram em famílias como eu ou famílias de mães solteiras que adoptam uma criança ou de uma mulher lésbica que decide ter um filho e por aí fora, eles não pensaram nisso, eles só pensaram...

I: no típico nuclear.

R: aquilo a que eu chamo a típica família nuclear.

E: Sim. Então, quem são os membros da tua família?

R: Pois bem... Bom, a nossa família é única de duas maneiras. Uma, bom, duma série de maneiras, mas sim, penso que a primeira coisa que é comum a todos nós, é que somos todos, somos todos, ainda estamos todos envolvidos no activismo. Não como uma profissão, mas como parte das nossas vidas. Uma das minhas filhas é fotógrafa, quando houver manifestações ela vai estar lá. Tenho uma pessoa performer não binária, mas ela usa o seu trabalho artístico para o activismo. Por isso, penso que é, que é uma coisa rara de se encontrar, e eu venho da investigação. Mas sim, depois comecei a falar dos direitos humanos, dos direitos dos transgénero e sim, descobri que agora tenho uma família constituída por activistas. Portanto, penso que essa será a primeira coisa interessante. A segunda, é que a maioria de nós é queer, excepto uma pessoa. Portanto, mais uma vez, isso é, isso é interessante. Então, em termos de sexualidade, somos lésbicas e em termos de género, eu sou uma mulher trans, e o meu filho é um homem trans. E temos uma pessoa de género não-binário. Portanto, é uma daquelas... é uma família onde todas estas coisas, que não chegam naturalmente à sociedade, sabes, chamar as pessoas pelos pronomes certos e aceitar que a tua filha não vai necessariamente trazer um homem, vai ser uma namorada. Sim, por isso é esse tipo de coisas. Penso que essa também é uma parte interessante sobre nós. E depois a terceira coisa é que somos todos adultos, o meu filho tem 24 anos. Isso torna tudo um pouco complexo, pensar numa diferença de 10 anos entre o meu filho mais velho e eu, numa família típica, se isso acontecesse, queria dizer que alguém se casaria aos 10 anos.

E: Isso é verdade.

R: Sim, mas para nós, sendo uma família por escolha, isso acontece. E sim... sim, sendo adultos, há essa barreira, há muitas coisas da sociedade que entram em jogo, como por exemplo, se somos adultos, devemos assumir a responsabilidade ou a pessoa que é o pai ou a mãe tem de assumir mais responsabilidade? Ou a mesma? Coisas desse género, sim.

E: Então, fale-me da sua posição como mãe, como... porque é assim que a entendemos, sendo que você é o tipo de figura parental do lar e como é que está a navegar com isso e como é que o define para si própria?

R: Navegando, bem, não tenho a certeza se estou a fazer um bom trabalho de navegação.

E: Isso é o que todas as mães dizem em segredo.

R: Então, sim, muitas vezes, há sempre aquele síndroma do sentimento de impostor em que tu estás lá do género, isto não é... Eu não sou esta coisa. Mas sim, mas depois há momentos em que penso que o que tem sido realmente interessante, não sei se é o mesmo com as famílias normais, penso que, na vida dos meus filhos, apenas com base no facto de eu não saber, sendo queer, sendo activista, há coisas que talvez outros pais nunca tenham tido de considerar, como coisas relacionadas com a saúde mental e, e coisas assim, o que é que pode despontar algo? Portanto, há tudo isso e depois também há estas coisas, em que eles estão a passar por algo, um desgosto ou um problema financeiro ou de trabalho, e eu posso estar lá para eles. Quer dizer, é bom. É também, é também um pouco diferente. Dadas as nossas diferenças etárias, há aquela coisa de, oh mãe, estás com bom aspecto hoje. Não, tens de te levantar, não podes ter esse aspecto, as outras mulheres transexuais vão-te matar.

E: Bom, pelo menos dão conselhos de moda.

R: Sim.

E: Estão a cuidar da sua mãe.

R: Sim, muito.

E: E há quanto tempo vivem juntos desta forma, como uma família?

R: Penso que desde Março deste ano. Penso que estivemos 6 meses juntos.

E: Ah, há apenas 6 meses juntos? Uau.

R: Sim, acho que foi no ano passado, na marcha contra o femicídio, foi nesse lugar que nos encontrámos. Quer dizer, já nos conhecíamos, mas se tivéssemos de definir onde nos encontrámos, onde a nossa ligação e laços começaram, seria na marcha contra o femicídio do ano passado.

E: Na tua opinião e na tua experiência, achas que o termo família deveria ser alargado para incluir outros tipos de ligações e relações? E se sim, que mais devemos considerar como família ou que outros pares ou, basicamente, que outra ligação deve ser considerada como família?

R: Bem, quer dizer, sim, volto ao que estava a dizer antes. A parte da escolha é muito ignorada. Portanto, quando há um, dois, três seres humanos que escolhem estar juntos, então devemos começar a pensar nisso como família. E para que, a escolha... e há muitas relações que as pessoas têm de começar a ver como possíveis famílias. No poliamor, não lhe posso chamar casal, na relação poliamorosa, há três, quatro pessoas numa relação. Talvez duas ou três delas vivam juntas, por isso, mais uma vez, isso deve ser visto como uma família. Há casais lésbicos a viver juntos. Algo que a nossa lei criminaliza.

I: Sim.

R: Sim, devemos... o facto de dois seres humanos se escolherem. Isso é uma família.

E: Isso devia ser suficiente.

R: Sim.

E: A religião tem algum papel na sua vida ou na vida dos seus filhos?

R: Bem, eu penso que a religião mais ou menos… Se evoluiu para mim? Penso que para os meus filhos também, porque, como já disse, somos uma família queer. A religião dominante ensina-nos que a nossa existência está errada, por isso primeiro há toda essa luta, onde temos de descobrir, se eu vim de um ser supremo, de um deus divino, não posso estar errada só pelo facto de existir. Portanto há a parte de ter de explorar, o que é que Deus significa para mim? O que... qual é a minha ligação com o universo? Coisas sobre o propósito. E eu sei que, para mim, isso tem sido uma pequena viagem pessoal, porque eu cresci numa família muito católica. As minhas irmãs ainda são muito católicas, por isso...

I: A história da minha vida também.

R: Por isso muitas vezes, nós encontrámos respostas nos ensinamentos da igreja, e é assim que é suposto viver, até que surgiu eu ser transgénero e deixasse de haver respostas. E por isso, para mim é do género, sabes, não quero ouvir falar dessa parte da tua vida. Podemos falar, podemos ser simpáticos uns com os outros, podemos falar, podemos trabalhar juntos, porque o fizemos bastante. Nós... como eu disse, somos uma família muito motivada, porque a minha mãe sempre colocou isso como o caminho ao qual poderíamos voltar... é uma vida melhor ou uma vida boa? É uma vida boa, não é? Portanto, fazemos muito trabalho de consultoria em conjunto. Então é assim, fazemos isso, mas esta outra parte da vida, não sei. Então... então é isso, quero dizer, a religião... e sabes, eu penso sempre para mim que se a igreja, se talvez um dia, o bispo disser que tudo bem com as pessoas trans, tudo bem com as pessoas queer, essa seria a única coisa que a minha mãe precisaria para aceitar.

E: Talvez o novo Papa o faça. Ele parece ser uma pessoa bastante progressista.

R: Espero que sim. Quero dizer...

I: Sim.

R: Sim, por isso, a religião foi uma grande parte da minha... Eu tenho o mesmo nome que o Papa, por isso...

E: Oh uau.

R: Era assim de grande. Então, para mim, demorou algum tempo. Acho que hoje em dia, estou muito aberta, desculpa…. quero dizer, não estou tanto no dogma e por aí. Acredito em muitos valores, no amor, na liberdade, na aquisição de conhecimentos, que penso ser o que nos ensinamentos cristãos, quando, quando falam da imagem de Deus não estão a falar de um homem, estão a falar destas três qualidades em particular. Por isso, há coisas que eu escolho dos meus ensinamentos católicos, há coisas que escolho de muitos ensinamentos budistas, sobre a impermanência e tudo isso. Até exploro coisas, como são chamadas, os zodíacos, a religião Yoruba, por isso, libertei-me realmente para explorar. Dois dos meus filhos ainda são cristãos. Ronnie tem uma cruz na parede no quarto.

E: Uau.

R: Eu ofereci-lha, era da minha mãe e quando me apercebi que ele tinha fortes crenças cristãs, pensei, ok, aqui tens um crucifixo. Reybian e Sisi estão a explorar, eles têm feito parte de uma igreja afirmadora, que aceita pessoas queer.

E: Isso é maravilhoso, aqui? Sediada em Nairobi?

R: Sim.

E: Isso é maravilhoso.

R: Então, eles fizeram parte disso e mesmo não indo activamente à igreja, continuam, a usar os ensinamentos dela. Sobretudo Reybian. Sisi, não tenho a certeza das suas crenças.

E: Eles continuam a mudar.

R: Sim. Mas, sim, há...

E: Parece que realmente construíste uma casa onde muitas coisas são possíveis.

R: Sim.

E: Mesmo que seja apenas a partir da base de questionar e explorar as coisas.

R: Sim, quero dizer, o género e a sexualidade são partes fundamentais do ser humano. E, quando a vida nos lança nesse caminho, em que é preciso questionar isso, eu acho que faz com que tudo se torne questionável. A tua fé, as tuas relações, o que é que a família significa.

E: Então, fala-me da tua casa, estamos aqui nesta tua casa, tão bonita. Diz-me, geres a casa? Divides tarefas, mencionaste antes as tuas responsabilidades como mãe. Então, diz-me como geres a tua casa.

R: Então, inicialmente, há o que mencionei sobre todos nós sermos adultos. Por isso, nos primeiros meses, foi tipo, não vou criar uma rotação de tarefas, vamos apenas, em relação a isso vamos simplesmente assumir a responsabilidade e fazer as coisas. Mas depois, o que aconteceu ao longo do tempo foi que, descobrimos que certas pessoas estavam a fazer muito e outras estavam contentes por deixar as coisas fluir. Por isso...

I: O quê? Como os pratos e a arrumação?

R: Sim, todos tinham a sua coisa. Reybian gosta de limpar. Acho que ele é feito assim. Eu acho que Maryliz gosta de cozinhar. Por isso, foi sempre assim, sim, isto pode equilibrar-se por si só. Não precisamos de ter uma coisa dura e é assim que fazemos as coisas. Eu penso nisso e acabo a lavar muito a loiça, porque... também me ajuda... Não sei explicar, mas lavar a loiça

I: É terapeutico.

R: Sim, exactamente.

E: Sim, já percebi. Percebo-te perfeitamente. Como a música.

R: Ok, interessante.

E: Simplesmente relaxante. Mesmo limpar a casa pode ser terapêutico. É como se estivesses a trabalhar alguma coisa na tua mente.

R: Sim, para Reybian, música e limpar a casa. Eu, eu é música e lavar a loiça. Portanto, funcionou mais ou menos, depois penso que a única coisa que tivemos de estabelecer como regra foi estarmos conscientes da pessoa que o vai fazer a seguir. Por isso, mesmo que não se vá lavar a loiça, não a despejar simplesmente e se se pode dificultar a sua limpeza, mais vale lavar, é apenas um prato, não é preciso acumulá-lo. Depois, outra coisa que fizemos foi rotação de comida, porque, com o Corona, toda a gente em casa era tipo, um mês, o gás, feito, a comida, feita. E eles tipo: o quê?

E: É verdade. Há o peso do Corona, há o stress do Corona. É muito.

R: Sim, por isso por fim tivemos de fazer uma rotação, isto é o que vamos comer e depois, se guardarmos comida para o agregado familiar, é para o agregado familiar. Se mais alguém precisar de petiscar entretanto, tem de tomar conta de si.

E: E quanto às outras obrigações financeiras? Coisas como fazer compras para a casa, pagar a renda, é possível distribuir isso ou... estás a assumir a maior parte?

R: Não, eu assumo a maior parte disso. Se eu pedir ajuda, é porque me esgotei completamente. Digo, crianças, não tenho o suficiente. Quem tem dinheiro? Precisamos de comida. Sim... Eu acho que isso foi parte da razão pela qual nos juntamos, porque todos estávamos com dificuldades. Então eu disse, vamos ficar juntos, vamos ver como é que podemos construir-nos a partir disto, sim.

E: Óptimo. Quer dizer, já falaste disto, porque no teu papel de mãe e devido às necessidades específicas da casa, assumes muitas das despesas importantes, mas e as decisões sobre o que a família faz? Sentam-se e falam juntos ou como é que isso funciona?

R: Sim, temos... Portanto, como eu já disse, a nossa família é construída com base na escolha. Portanto, ao contrário de outras famílias, as crianças também escolheram os pais. Por isso, muitos dos valores pelos quais vivemos, tivemos de discutir e concordar. Portanto, deixem-me ver se tenho um exemplo. Então, um de nós teve alguns problemas com…envolvia a lei e tudo… E nós decidimos que tínhamos de tirar a pessoa de lá, e fazer isso significava um sacrifício para toda a gente. Portanto, quer dizer, o dinheiro era meu, mas concordámos que era aquilo pelo que queríamos lutar como família. Se algum de nós estivesse em apuros, sairíamos todos. Então houve essa decisão consciente, de que, sim vai afectar o nosso orçamento para o próximo mês e vai ser difícil mas...

I: isto é importante para nós.

R: Sim, é isso que conta.

E: Isso é realmente maravilhoso. E quanto a coisas como... o que fazem por prazer, antes do Corona? Saíam juntos?

R: Bem, sim, antes eles faziam muitas...

I: Ou durante o Corona, quem sabe?

R: Bem, temos tido muitos aniversários interessantes ao longo do ano.

E: Ah sim, tinhas mencionado os aniversários.

R: Sim, eu acho que foi a única coisa interessante que fizemos depois do Corona. Antes do Corona, as raparigas iam sair muito umas com as outras, dormiam em casa umas das outras e assim.

E: Na verdade, qual é a faixa etária dos teus filhos?

A: De 24 a 29.

E: Oh uau, eles são realmente muito próximos em termos de idade, sim.

R: Mais uma vez, não vamos discutir a tua idade.

E: O que é que... qual é a tua opinião sobre o casamento?

R: É interessante. Portanto, eu penso que a forma como o casamento é constituído neste momento, não sei se é assim para outros países mas para África, para o Quénia especificamente, a forma como é considerado neste momento, é simplesmente uma instituição opressiva para as mulheres.

E: Concordo plenamente. É realmente [UNINTELIGÍVEL] para ser honesto.

R: Então, sim, porque... a ideia é realmente bonita, que duas pessoas se amem e que queiram crescer juntas como indivíduos, mas depois o que acontece é que as duas pessoas se juntam e todos os objectivos nobres iniciais de se amarem, crescerem como indivíduos, desaparecem simplesmente e começam-se a satisfazer as expectativas da sociedade. Então, onde estão os bebés? Como devem estar financeiramente ou como se devem apresentar na sociedade? E é.... torna-se um trabalho tão duro, porque, nos casamentos, eu tenho muitos amigos que se casam, houve uma altura em que eu costumava cantar em casamentos…

I: Oh uau. Tantos talentos.

R: Sim, com um grupo. Então, nós estávamos lá, e pensávamos que eles ficavam muito bem juntos, mas depois, por dentro, também temíamos por eles. Porque um ano, dois anos depois, já não é aquela coisa feliz e esperançosa em que eles se meteram. É como um fardo que carregam. Por isso, torna-se um trabalho duro e não sei, muitas vezes quando, como no ano passado, a Comunidade LGBT teve o caso de revogação e quando os juízes decidiram, disseram que estavam a proteger o casamento e a proteger a família. Eu pensei sobre isso e... senti que não estavam realmente a proteger os interesses do casal no casamento. Estavam a proteger os interesses da sociedade. Estavam a investir no interesse da sociedade, nessa coisa em particular, porque neste momento o casamento e a família são como uma unidade. É suposto ser a unidade que fomenta o amor e os cuidados e todos estes valores simpáticos para a sociedade, mas neste momento é a unidade de extracção. Todos os anúncios, todos os outdoors, têm a imagem de... desde a hipoteca até à margarina, a família é a ideia que é usada nos outdoors. E contam com isso para manter o casal, o casal casado, como o trabalho, para não questionar sistemas. Quer dizer, o casal estará lá metido dentro/ O sistema educativo é terrível para os filhos, mas eles foram postos nisto, é como uma engrenagem. Têm de continuar a trabalhar, sem perguntas, eles não vão perguntar porque é que o meu filho tem de carregar estes livros todos? Ou podiam carregar um tablet. Eles não vão questionar...

I: Que tablets? Aqueles que eram suposto ter sido fornecidos pelo governo?

R: Sim. Coisas como... eles não questionarão porque é que os tablets nunca apareceram. Portanto, é do interesse de muitas corporações e por vezes de governos, manter esse tipo de família que não questiona, esse tipo de casamento, onde as pessoas estão presas no dia-a-dia. A perseguir algo que talvez nem seja real. Por isso, para mim, muitas vezes o casamento e a família, têm sido subvertidos para outros fins que não aquilo para que eram suposto ser.

E: Achas que dentro da tua família alargada, as pessoas também têm este tipo de "ideias radicais" de casamento ou que o casamento é, tal como tu o entendes ao ver as pessoas à tua volta, talvez não a tua casa principal, porque essa é muito radical na sua composição. Mas na tua família alargada, é assim que as pessoas abordam o casamento, as pessoas têm múltiplos parceiros? Ou são talvez polígamos? Ou voltam-se a casar? O que é... como é que o casamento é abordado pela tua família alargada?

R: Se eu falar da família em que cresci, como já disse, somos todos muito motivados, éramos uma família muito orientada para a carreira. Portanto, nenhuma das minhas irmãs é casada. O meu irmão tem uma parceira e, era mais por casar, ter filhos nunca foi o principal. Por isso, estou um bocado fora dos caminhos batidos.

E: Mas de certa forma próxima e [UNINTELIGÍVEL] de certa forma.

R: Sim, portanto, sim, essa nunca foi a ideia. Sim, objectivos educacionais como, penso que há seis mestres, um doutorado, e acho que vai haver mais. Não contribuí muito para isso. Espero vir a fazê-lo. Mas sim, há todos esses objectivos educacionais, conquistas na carreira, sabes. 35 com menos de 35 anos, coisas como essas.

E: Boa.

R: A minha família nuclear é assim. As nossas tias, tios, eles ainda têm essa ideia de que é preciso casar, sabes, teres a tua... e eles usaram isso contra a minha mãe uma vez. Acho que no ano passado, quando eu comecei a viver a minha vida abertamente, como bem, alguém disse que não era um coming out, era convidar outras pessoas para a tua vida, por isso...

I: Exactamente. Essa sempre foi a tua realidade.

R: Então, quando muitas das minhas fotografias estavam nas minhas redes sociais, um dos meus tios ligou à minha mãe, oh, o teu filho está a tornar-se mulher. E a minha mãe entrou em pânico, e ela tem tensão alta, e foi muito stressante para as minhas irmãs e para todos e depois, finalmente, a minha mãe deixou de atender as chamadas. O que aconteceu, foi que eles começaram a telefonar... eu chamava-lhes vizinhos, eram parentes muito distantes de há duas gerações atrás e perguntavam pela minha mãe dizendo que essa mulher empurrou os filhos para a educação e para o trabalho e agora nenhum deles é casado... e agora até tem um filho que se está a tornar mulher. Foi muita pressão... Portanto, a minha família alargada ainda tem o conceito de que chegando-se a uma certa idade, produzem-se filhos.

I: Produzem-se? Não importa se os queres, ou se és a fertil... Adoro isso, a minha fraqueza. Qual é a tua opinião sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo?

R: É uma relação. É uma relação humana. Não sei porque é que as pessoas hão-de ter de se limitar ao mesmo sexo, ao sexo oposto. Isso, não faz diferença. São dois seres humanos que se ligam, que se amam. Portanto, é... e, para a minha família, é na verdade o oposto. A única pessoa heterossexual é um em seis. Portanto, isso é realmente... é como se tivéssemos mesmo de estar a bordo com...

I: É preciso.

R: Sim, não podemos.

E: Embora pareça que é um ambiente amoroso em que todas as coisas são possíveis.

R: Sim, sim, é. Quer dizer, a minha filha pode trazer um namorado, as minhas outras filhas podem trazer as namoradas. E há também a possibilidade de dois dos meus filhos namorarem porque não são meus filhos biológicos, portanto...

I: Isso é verdade.

R: Há tudo isso, sim. Portanto, temos de ser, completamente abertos e quero dizer, como uma pessoa trans... toda a ideia de género e sexualidade exclui pessoas como eu e o meu filho, porque quando a sexualidade é de género, foi baseada em homens e mulheres, homens cisgénero e mulheres cisgénero. Por isso, é uma espécie de... por isso, quando as pessoas são chamadas homossexuais, refere-se sempre a mulheres cis ou a homens cis. Quando são chamados assim, é sempre, homem cis, mulher cis. Eles não têm em conta que pessoas como nós existem. Por isso, quando se pergunta a uma pessoa, sim, sou uma mulher trans que se sente atraída pelo feminino, por isso, provavelmente vou sair com uma mulher. Que nome vais dar a isso? É do género, pareces mulher ou és algum tipo de mulher e isto também é uma mulher, por isso pode ser uma relação lésbica, mas...

I: Mas é um apagamento.

R: Sim, é apagamento. É como se nós não existíssemos de todo. Portanto, nem sequer fomos considerados em termos de sexualidade. Então, sim...

I: Portanto, na tua composição da tua família, é uma família escolhida. E como descreverias isso? Seria uma espécie de adopção ou é apenas uma família formativa?

R: Bem, é uma formação. Eu sei, o meu filho e eu somos considerados como uma espécie de adopção, mas ainda assim... não está no topo da pilha de prioridades. Também temos de mudar o nosso nome e afirmar o género, qualquer que seja a mudança e tudo isso. E sim, há isso. Portanto, sim, é formação, é formação por escolha.

E: Esta é uma pergunta estranha, mas acho que ainda válida. Quem lidera a tarefa de criar as crianças?

R: Oh.

I: Agora que são adultos. Nesta casa, como é que isso funciona para si?

R: Então é, são duas partes. Quer dizer, há... há a parte em que eu considerava que eles já tinham sido criados por outros pais, antes de serem meus filhos. E, é por isso que eu estava a dizer que talvez as minhas considerações tenham de ser, muito diferentes de uma família típica normal. Por isso, tenho de pensar em coisas como, sabes, limpeza, e o que também tenho de pensar, é se é um “trigger” da sua... da sua relação com os pais anteriores? Mas direi, como mãe que lidero esse todo... estes são os nossos objectivos, estes são os nossos valores, como a reunião, em que tivemos de discutir como ajudar um de nós, portanto este é um valor. Por isso, tenho de liderar essa discussão, mas depois também confio em cada um deles para me manterem responsável perante eles e para se manterem mutuamente responsáveis por tudo aquilo em que concordamos e por quaisquer valores em que acreditamos, fazer de nós uma família. Bom, também há o que é, uma coisa de idade, não sei se acontece em muitas famílias regulares, mas só de observar a configuração socio-económica no Quénia neste momento, suspeitaria que muitas famílias devem ter dois pais adultos. Portanto, de entre 21 até talvez 30 anos de idade. E há toda essa coisa de sim, quer-se que eles sejam independentes, querem-se iniciativas para descolar. Mas depois sente-se que a rede de segurança tem de estar lá por mais tempo do que costumava estar talvez no passado, sim, por isso também há essa dinâmica.

E: Como se lida com coisas como uma combinação de rituais de passagem talvez tradicionais e societais? Mencionaste que um dos teus filhos ainda é religioso? Então, coisas como o baptismo, isso ainda é importante para eles? É algo que eles procuram? Coisas como, não sei se isto se aplica, mas coisas como a circuncisão, coisas que são, que nos tornam membros de uma sociedade de uma forma particular. Esses tipos de rituais de passagem evidentes ou não, estão a ocorrer dentro da tua família?

R: Bem, suponho que aquela pela qual passámos foi que duas das minhas meninas foram ver os seus pais biológicos, e foi mais do tipo, como lhe chamam, a parte do casamento em que o casal vai ao conhecer os pais. Houve isso. Portanto, isso foi interessante, porque...

I: Qual foi a intenção dessa reunião?

R: Bem, então a minha família, ao contrário das famílias normais, diria que parte dos objectivos também não é falada, mas espero que haja uma boa relação entre os pais biológicos e os meus filhos. Isto aconteceu quando os pais biológicos estavam a chegar, à fase de, sabes, deixa-me conhecer, deixa-me conhecer a tua namorada. E foi assim que isso aconteceu. O nosso suspense de ver esta coisa desabrochar. E elas fizeram-no. Elas foram lá durante uma semana. Por isso, foi interessante. Quer dizer, era de esperar que, tendo-nos libertado de todas estas normas, como... fazer a coisa tradicional de ir apresentar a sua parceira aos pais, não teria importância, mas sim, neste caso, teve e foi realmente importante para elas.

I: Isso é realmente, realmente maravilhoso. Existem outras considerações com as quais as famílias normais talvez não tenham de lidar? Porque mencionaste coisas como mudar o teu nome legalmente, outras coisas como essa, que te afirmam na tua compreensão de ti mesma e da tua apresentação de ti mesma. Quais são algumas dessas coisas com as quais tens de lidar agora como adulta, como mãe deste agregado familiar?

R: Então, pessoalmente, para mim, é toda a documentação. Antes deste lugar, o último lugar onde tentámos ter uma casa, na negociação com o proprietário da casa, ele é dos Estados Unidos, e falámos por e-mail e por ele estava tudo bem. Enviámos-lhe os nossos documentos, ele foi compreensivo. E disse, vou deixá-la conhecer o meu agente. Então, ele apresentou-o ao agente por e-mail e a primeira coisa que o agente disse foi, os nomes que usou no contrato e os nomes neste documento são diferentes. Eu disse, são todos os meus nomes. O que é deseja? E ele: envia-me a tua identificação. Eu enviei-lhe o BI, e ele diz: o nome no BI e o nome no passaporte são diferentes. Eu disse, são todos meus. Escolha aquele com que se sente confortável e escreva o contrato com esse, eu assino. E ele: vou usar o do BI. Então, ele usou o do BI e depois, no dia em que fomos ver a casa e eu apareci, ele ficou muito desconfortável. Ele sentou-se na esquina, e as minhas meninas ao meu lado e o gerente da casa diziam-lhe: "Estas são as suas potenciais inquilinas. Vai mostrar-lhes a casa?". Ele responde: "Não, não está finalizada". Levou-nos a ver a casa e depois não nos respondeu durante dois dias. Nós precisávamos de nos mudar, de sair do outro lugar onde vivíamos. Tínhamos um prazo e precisávamos de nos mudar. Ele não respondeu durante dois dias e o agente que nos estava a ajudar veio e disse: "Fui falar com a gerência e eles disseram: o Wilson não está à vontade, porque tu apareceste como mulher e a tua identificação é de homem". Portanto, sim, há essas situações e sei que há alturas em que os meus filhos assinam, porque eu não podia assinar porque isso causaria… Porque, para mim, seria caótico. Há tudo isso. Num dos lugares onde vivemos, fomos expulsos porque éramos queer. Tínhamos... a varanda era um pouco diferente desta. Era completamente fechada e tínhamos a bandeira arco-íris e o buraco da fechadura estava partido, e tínhamos um pequeno autocolante a cobri-la.

E: Oh, oh, pensei que alguém tinha arrombado a porta e entrado.

R: Sim, por isso, infelizmente ou felizmente, os autocolantes da Outright, Outright International. É uma organização LGBT. Alguém veio. Não sei... vieram e tiraram uma foto disso e enviaram-na ao nosso senhorio e depois fizeram uma reivindicação a dizer que estávamos a mudar a casa. É claro que não puderam acusar-nos por sermos queer, porque não há nada contra isso no que diz respeito a ocupar instalações. Então o que eles fizeram foi dizer que estávamos a transformar a casa num escritório para a Outright. E depois isso causou todo um caos. As pessoas começaram a falar no nosso grupo no WhatsApp. O gerente ligou-nos, e eu disse, porque não nos adiciona ao grupo de WhatsApp e nós podemos defender-nos? Mas os Admins recusaram. Então nós dissemos, está bem, envie os administradores à nossa casa para que pudéssemos acalmar os seus medos e, sabes, se são os cristãos que se preocupam, até colocamos uma cruz. Colocaremos um crucifixo. Colocámos um crucifixo à porta, e tiramos o nosso autocolante. E depois finalmente o... dissemos ao gerente para os enviar à nossa suite. Podemos falar, não tem de ser um grande problema. Se eles tiverem medo de algo, podem dizer-nos. E eles eram do género, eles estão a dizer que vais ensinar as filhas deles. Mas, com quem é que eu interajo?

E: Toda esta ideia de se ensinar a homossexualidade.

R: Nós não nos vemos. Sim, exactamente. E eles causaram tanto caos. Finalmente, o dono da casa, ele vive em Mombaça, nem sequer vive em Nairobi. Ele ligou-nos e disse: "Pessoal, estamos no Ramadão, e eu não posso descansar". Recebo chamadas todos os dias. Por isso, o que vou fazer é, vou devolver-lhe o dinheiro, dar-lhe como se fosse um mês inteiro.

E: Então fala-me da construção de uma casa para a tua família. Como tem sido essa realidade para ti?

R: Penso que para nós também está ligada ao facto de sermos todos queer, à nossa queerness. Assim como, ser expulso do último lugar só por causa de uma bandeira ou de um autocolante. Quer dizer, não prevíamos que isso acontecesse, mas aconteceu e depois encontrar um lugar que nos aceitasse também foi um pouco difícil. Mas neste lugar aqui, eles são muito simpáticos. Penso que o gerente editou o contrato para incluir pessoas intersex e outros géneros. Tipo, ele mudou tudo para se ajustar a nós. E incluiu-me numa das conversas com o advogado e disse, a senhora que dirige a casa é possivelmente intersexo ou transexual e por isso, é por isso que temos de fazer este alojamento. Por isso foi bastante particular, mas penso que me deu esperança. Quer dizer, que há alguma bondade no mundo.

E: Sim, não só aceitar, mas também ver-te realmente plenamente na tua essência.

R: Sim.

E: Sim. E quantas... para quantas casas te mudaste e há quanto tempo viveste em ambos os lugares?

R: Já nos mudámos duas vezes. Quer dizer, três vezes, contando a primeira vez em que todos nós nos reunimos. E depois a segunda vez. Por isso, eu acho que três vezes, sim.

I: E vêem-se a viver juntos durante o máximo de tempo possível. Assim, na compreensão do que é uma família, como se essa família fosse para sempre, ou as pessoas afastam-se? Ou o que é que prevês?

R: Bem, vivendo juntos, não. É, quer dizer, como a maioria dos objectivos para os quais todos nós estamos a trabalhar, quando eles forem atingidos, eles possivelmente vão separar-nos. Assim, por exemplo, se algum dos meus filhos decidir casar e começar a sua própria casa ou família, se algumas das suas carreiras evoluírem. Quer dizer, todos eles são... somos uma família adulta, portanto, se as carreiras evoluírem, sim, isso vai fazer-nos avançar, mas sendo família, penso que sempre seremos. Portanto, se eu me mudar para outro lugar e uma delas quiser ficar, será sempre a minha filha a voltar para casa. Sim...

E: Então eles serão sempre seus filhos?

R: Sim.

E: Está bem. Então fala-me de uma memória especial ou algo que te seja querido no teu coração em relação à tua família. Como quando pensas, este é um momento no tempo em que, ok estas são realmente as minhas pessoas.

R: Ah, deixa ver. Penso que o Dia da Mãe foi interessante. E elas disseram oh, feliz Dia da Mãe e assim, outra disse mãe de lésbicas. Eu agora uso isso como a minha hashtag online. Mas sim, isso foi... foi realmente especial.

E: Fizeram alguma coisa especial para ti, talvez todas juntas?

R: Bem, sim. Estivemos juntas em casa. Acho que tínhamos deixado de ter jantares em comum porque percebemos que as nossas rotinas eram muito estranhas. Mas sim, foi agradável. Havia vinho? Acho que havia vinho, sim, mas as palavras foram o mais comovente.

E: Ah, isso é lindo.